As Características dos Textos Produzidos pela Revista Realidade no Ano de 1968 – Um Jornalismo Literário e Engajado[1]

Maitê VALLEJOS[2]
Carlos Alberto BADKE[3]
Centro Universitário Franciscano - Unifra, Santa Maria, RS

RESUMO

Esta pesquisa tem o intuito de revelar características literárias presentes nos textos da extinta revista *Realidade*, publicação da editora Abril de 1966 a 1975. Para tanto, trabalhamos com o conceito de jornalismo literário e refletimos sobre até que ponto a linguagem jornalística e a narrativa literária podem mesclar-se, à medida que possuem características distintas. Assim, indagamo-nos: a revista *Realidade* seria o último suspiro de uma forma clássica de jornalismo literário, inspirado no *new journalism*? O corpus deste trabalho é constituído pelas edições de abril, julho e dezembro de 68 e janeiro de 69, pois são datas que estão relacionadas a três acontecimentos importantes que poderiam repercutir na revista nestes meses. São eles, a morte do estudante Edson Luís, a Passeata dos Cem Mil e a instituição do Ato Institucional número 5.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Literário. Revista *Realidade.* Ano de 1968. Análise de Conteúdo.

INTRODUÇÃO

Mil novecentos e sessenta e oito. As palavras talvez não consigam expressar o peso e a carga de acontecimentos que esse ano carrega por entre cada letra de sua composição numeral. Se a memória e os arquivos pudessem suprimir ou apagar esse ano do calendário, certamente a história do Brasil teria uma profunda lacuna, pois essa data é ainda determinante para explicar muito do que somos hoje. A descrição que o escritor e jornalista Zuenir Ventura faz do inesquecível 1968, redigida no DVD da minissérie Anos Rebeldes (transmitida pela Rede Globo em 1992) exalta o período.

---

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

[2] Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Unifra-RS, email: maitevallejos@hotmail.com

[3] Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Unifra-RS, email: ca.badke@terra.com.br

> Foram anos de crença, esses anos rebeldes. Acreditava-se no homem e no mundo, no marxismo e na psicanálise, na política e na moral, e tinha-se fé na revolução que ia mudar o país, a terra e a humanidade. Foram anos generosos, por isso, revivê-los hoje é quase uma obrigação cívica, além de necessidade histórica. Não é por nostalgia, mas por pedagogia, que vale a pena mostrar aos nossos tempos de razão cínica que houve uma época – tão próxima e moralmente tão distante – em que uma geração viveu a política como ética, a paixão como valor e o sonho como realidade. Existe hoje coisa mais nova? Olhar para ele não é voltar atrás: é criticar o presente (...)

Através da combinação de jornalismo, literatura e história, aliado a pitadas de curiosidade e à vontade de descobrir algo novo, desejamos fazer dessa pesquisa uma imersão no ano de 1968 e descobrir que influências a extinta revista *Realidade* deixou para o jornalismo de hoje.

Criada em 1966, num projeto da Editora Abril, *Realidade* agregou uma nova maneira de produzir jornalismo naquele tempo. Apesar da curta duração no mercado, – a revista durou nove anos – a produção inspirada no *new journalism* norte-americano, sacudiu a redação com a proposta de publicar grandes reportagens e longos textos enriquecidos por detalhes nas narrativas e técnicas literárias, o que faz dela, até hoje, ser referência no que se refere à história do jornalismo de revista no Brasil.

A partir desse contexto, esta pesquisa abre uma discussão a fim de entender o que é o jornalismo literário. É possível que duas vertentes distintas- jornalismo e literatura - caminhem juntas? Em outras palavras: o jornalismo literário perdura nos dias de hoje ou a *Realidade* foi o "último suspiro", a derradeira representação do gênero?

Como é impossível determo-nos a todas as edições de *Realidade* do ano de 1968, em função até da viabilidade de aquisição do material, delimitamos nosso *corpus* em quatro edições: abril, julho e dezembro de 1968 e janeiro de 1969[4]. As datas estão ligadas, respectivamente, a três fatos da época que poderiam ter repercussão na revista, no mês posterior ao acontecimento. São eles: a morte do estudante Edson Luís (DATA); a Passeata dos 100 Mil; e a imposição do Ato Institucional Número 5.

Nosso estudo, portanto, busca mapear o teor jornalístico-literário da revista com base nas edições mencionadas, além de observar que pautas ganhavam espaço na publicação. Conforme nossa pesquisa avança, percebemos que os fatos que deduzíamos relevantes para repercutir na época, talvez fossem considerados "menores" diante de um

[4] A revista *Realidade* era uma publicação mensal, portanto as edições de abril, julho e dezembro de 1968 e janeiro de 1969 correspondem aos números 25, 28, 33 e 34, respectivamente.

mundo que gerava uma constante ebulição de informações e, sobretudo, diante de uma revista que fervia e expelia seu caráter engajado pelas bancas do Brasil.

A relevância dessa pesquisa fundamenta-se, à medida em que o campo da comunicação está diretamente ligado às áreas da sociologia e da história, porque, para entender o mundo de hoje, é preciso conhecer a história e reconhecer o que foi o espírito de mobilização e o poder de comunicação jovem em 68. O professor de Ética e Filosofia Política da Universidade Federal de São Paulo (USP), Renato Janine Ribeiro, exemplificou a importância de 1968 em debate realizado no dia 20 de maio de 2008 (em comemoração aos 40 anos de maio de 68) no auditório da Folha de São Paulo quando afirmou: "A menina poder transar com o namorado na casa dos próprios pais tem a ver com o legado de 1968. Como também tem a ver, claro, a perda do recato, o piercing nos órgãos genitais, por exemplo".

Com este trabalho, buscamos entender de que forma combinam-se as narrativas jornalística e literária na revista *Realidade* e qual a importância dessa convergência para a qualidade do jornalismo, num período em que o acesso à informação e aos próprios meios de comunicação era mais restrito. Agregado a isso, também é necessário frisar a importância de *Realidade* para a história do jornalismo de revistas. Segundo Scalzo (2004), "é uma publicação que representa uma época e, entendendo sua trajetória, sua vida e morte, é possível entender também muito do que é peculiar ao universo do jornalismo em revistas" (p. 11)

UM ANO EMBLEMÁTICO

Sobre o ano de 1968, Umberto Eco define: "Pode-se processá-lo, analisá-lo, condená-lo, mas não cancelá-lo como um fenômeno de loucura" (In: VENTURA, 2008, p. 18). A frase sintetiza a importância desse ano decisivo para a história do país, porque afinal, 1968 é um ano que tem reflexos até hoje na vida de quem viveu àquela época ou até mesmo provoca alguma reação em quem não presenciou àqueles momentos.

É necessário revisitar todo o contexto relacionado a 1968, bem como o que ocorre anteriormente ao fatídico ano. Essa pesquisa sugere uma revisão a momentos como, o maio francês e seus reflexos no Brasil, com o golpe ditatorial de 64, a morte do

estudante Edson Luís, a Passeata dos 100 Mil, a sexta-feira sangrenta e a instituição do AI-5.

Muitos movimentos de mobilização social e política "estouraram" em todo o mundo em 68. Na França, o protesto libertário dos estudantes e trabalhadores foi a "gota d água" para que o espírito contestador chegasse ao Brasil com toda a força. O ano de 1968 teve início com a eclosão de várias manifestações de estudantes. Eles reivindicavam ensino público e gratuito para todos, uma reforma que democratizasse o ensino superior, mais verbas para pesquisa e contestavam a ditadura implantada com o golpe de 1964.

Todo esse clima de revolta é bem sintetizado logo na introdução de *1968 – o ano que não terminou* (2008, p.19):

> "Os nossos 'heróis' são os jovens que cresceram deixando o cabelo e a imaginação crescerem. Eles amavam os Beatles e os Rolling Stones, protestavam ao som de Caetano, Chico ou Vandré, viam Glauber e Godard, andavam com a alma incendiada de paixão revolucionária e não perdoavam os pais reais e ideológicos – por não terem evitado o golpe militar de 64. Era uma juventude que se acreditava política e achava que tudo devia se submeter ao político: o amor, o sexo, a cultura, o comportamento". (VENTURA, 2008, p.19)

Em 28 de março de 1968, a polícia invadiu o restaurante *Calabouço*, no Rio de Janeiro, gerando o primeiro grande conflito de rua daquele ano. Vários estudantes ficaram feridos e foi morto o secundarista Edson Luís de Lima Souto, cujo corpo foi levado para a Assembléia Legislativa. Passeatas de protesto espalharam-se pelo resto do país onde, em Goiânia, a repressão policial matou mais um estudante.

Nos meses de abril e maio, houve novas manifestações públicas, mas os estudantes em geral buscaram refazer as forças, recolhendo-se no interior das faculdades. Ao mesmo tempo, esboçavam-se movimentos de contestação no movimento operário e em parcelas do sindicalismo brasileiro. O movimento estudantil ganharia novamente as ruas em junho de 1968, mês no qual atingiu seu ápice em todo o país. Generalizavam-se passeatas, greves, ocupações de faculdades etc. As divergências na cúpula do regime estavam indecisas entre a chamada "abertura" e o endurecimento ainda maior do cenário político nacional.

No dia 19 de junho, mais de cem pessoas foram presas após sete horas de enfrentamento nas ruas. Aas cenas repetiram-se no dia 21, ainda mais agravadas, deixando quatro mortos, dezenas de feridos e centenas de presos durante a "sexta-feira sangrenta".
A primeira de uma série de ocupações de escolas ocorreu no dia 22 de junho, na tradicional Faculdade de Direito de São Paulo, vinculada à USP (Universidade São Paulo), seguida

pela Faculdade de Filosofia da mesma universidade. Protestos, manifestações, ocupações e passeatas ocorriam também em Belo Horizonte, Curitiba, Brasília, Salvador, Recife, Fortaleza, Porto Alegre, João Pessoa, Florianópolis, Natal, Belém, Vitória, São Luís e outros centros universitários.

A célebre *Passeata dos Cem Mil* teve lugar no dia 26 de junho: estudantes, intelectuais, artistas, religiosos e populares foram às ruas do Rio de Janeiro para protestar contra a ditadura e a repressão policial às manifestações.

Em 15 de outubro, foi desmantelado o Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), em Ibiúna, no interior paulista. Todos os presentes foram presos, cerca de 700 universitários, selando a derrota do movimento estudantil brasileiro de 1968. Vários de seus integrantes passariam, então, a concentrar suas atividades na militância política clandestina contra a ditadura, em organizações de esquerda, vinculados inclusive à luta armada que se desencadeou nos anos seguintes.

Finalmente, em 13 de dezembro foi decretado o AI-5, que encerrou qualquer perspectiva de liberalização no Brasil. A lei da censura foi responsável por um dos períodos mais sombrios da ditadura e afetou diversas classes sociais, como define Poerner (1979, p. 305):

> "O AI-5 representou enorme retrocesso político na história do Brasil, um duro golpe para o pouco de liberdade que ainda restava e sensível endurecimento do regime militar. Todo o movimento intelectual e cultural foi grandemente afetado pela medida. Escritores não dispuseram mais nem mesmo das precárias condições de que antes gozavam para escrever". (POERNER, 1979, P. 305)

AS LINGUAGENS JORNALÍTICA E LITERÁRIA

Em nosso estudo, percorremos as áreas do jornalismo e da literatura em dois momentos. No momento em que distinguem-se, como coloca PROENÇA FILHO (1997): "A fala comum se caracteriza pela transparência. O mesmo não acontece com o discurso literário. Este se encontra a serviço da criação artística" (p. 7). E no momento em que existe a possibilidade de os dois gêneros mesclarem-se. "Há sim uma fronteira entre jornalismo e ficção. Mas é uma fronteira permeável, que permite uma útil e amável convivência" (SCLIAR *apud* CASTRO; GALENO, 2002, p. 14).

A narrativa jornalística, normalmente obedece a uma estrutura fixa. "O texto, pregam os teóricos, deve começar respondendo, logo de cara, a seis perguntas fundamentais: O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?" (SQUARISI; SALVADOR, 2005, p. 11-12). No campo do jornalismo, as seis perguntas mencionadas, correspondem ao que denominamos de pirâmide invertida. "A técnica estreou em 1861 no jornal The New York Times, como forma de dar objetividade ao relato de um acontecimento" (SQUARISI; SALVADOR, 2005, p. 16).

Colocadas sempre na abertura de uma notícia, as respostas compõem uma fórmula rápida para reconhecer as informações imprescindíveis de um acontecimento. "A busca de enunciados mais referenciais, concretos, justifica muito do trabalho na apuração de notícias" (LAGE, 2006, p. 54).

No caso do discurso jornalístico é a função referencial que conduz um texto. O texto jornalístico, como o próprio nome da função já diz, deve ter uma referência, um fato concreto para ser noticiado. Como define LAGE (2006), "em jornalismo a ênfase desloca-se para os conteúdos, para o que é informado. O jornalismo se propõe a processar informação em escala industrial e para consumo imediato" (p. 47).

Ainda segundo LAGE (2006), alguns dados da notícia, como a hora exata do ocorrido e o nome completo das pessoas são fundamentais para dar credibilidade ao texto: "Tudo isso terá, no texto, efeito de realidade, isto é, contribuirá para a verossimilhança do relato" (p. 54). Sobre a pirâmide invertida, SQUARISI e SALVADOR (2005) são enfáticas: "A pirâmide invertida resiste na imprensa. Ainda é a técnica de redação mais usada nos meios de comunicação" (p. 19).

A narrativa jornalística segue outros preceitos, além da técnica da pirâmide invertida. LAGE (2006), por exemplo, aponta o uso quase obrigatório da terceira pessoa. Já SAQUARISI e SALVADOR (2005) lembram mais algumas características impostas ao texto jornalístico, tais como, objetividade, restrição de adjetivos e uso de frases curtas e palavras simples. "Clareza é, disparado, a maior qualidade do estilo" (p. 23). O texto jornalístico deve ser compreendido e de fácil entendimento, à medida que é escrito para um público desconhecido de quem escreve

Outras normas ultrapassam a questão da compreensão por parte do público, pois são regras restritas à redação jornalística, conforme linhas seguidas por determinados veículos de comunicação. De acordo com LAGE (2006), cada redação normatiza o texto

da forma que deseja. Para exemplificar, o autor enumera uma série de normas que podem ser utilizadas nas redações. Abaixo, enumeramos seis delas (p. 73-74):

- Nos títulos de notícias, use o verbo, de preferência no presente, e elimine artigos sempre que possível.
- Não use ponto nos títulos.
- Não use algarismos no começo de períodos.
- Evite generalizações que possam atingir grupos profissionais, classes sociais nacionalidades, raças, credos e instituições.
- Há sérias restrições ao uso de humor nas notícias. É preciso respeitar a sensibilidade humana.
- Não seja mais sensacionalista do que o obrigam a ser.

Diferente da narrativa jornalística, um texto literário está no âmbito da ficção, portanto, pode utilizar-se da imaginação, das metáforas, das invenções e até do que seria impossível na vida real. "A literatura é, tradicionalmente, uma arte verbal" (p. 8), define Proença Filho (1997). Como a literatura não é uma linguagem direta, muitas vezes, para entendê-la é preciso decifrar signos, pois o discurso literário "abre-se a um tipo específico de descodificação ligado à capacidade e ao universo cultural do receptor" (PROENÇA FILHO, 1997, p. 8). Ainda segundo este autor "o texto literário veicula uma forma específica de comunicação que evidencia um uso especial do *discurso*, colocado a serviço da criação artística" (PROENÇA FILHO, 1997, p. 28).

Conforme aponta Proença Filho (1997) sobre as características do discurso literário, a linguagem comum difere-se da linguagem mais poética, pela chamada *literariedade*, a qual engloba algumas características peculiares à linguagem literária, como *Complexidade*, *Multissignificação*, *Predomínio da conotação*, *Liberdade na criação* e *Variabilidade*.

A característica da *Complexidad*e pode ser enxergada, muitas vezes, na interpretação de versos de um poema. Proença Filho (1997) adota como exemplo a frase do poeta Carlos Drummond de Andrade *"Uma flor nasceu no chão da minha rua"* e explica:

> No discurso não-literário, há um relacionamento imediato com o referente; caracteriza-se, na maioria dos casos, a significação singular dos signos, marcados pela transparência [...] Já o que depreendemos do texto literário, ultrapassa, como já foi assinalado, os limites da simples reprodução (PROENÇA FILHO, 1997, p. 37)

A *Multissignificação*, por sua vez, representa os diversos significados que uma sentença pode ter no discurso literário, o que contraria totalmente um discurso preocupado com a clareza de informações, como conforma Proença Filho (1997): "Os signos lingüísticos, as frases, as seqüências assumem significado variado e múltiplo. Assim, afastam-se, por exemplo, da monossignificação típica do discurso científico" (p. 38).

A *Multissignificação* tem a ver com a terceira característica criada por Proença Filho para designar as características do discurso literário: o *Predomínio da Conotação*, que permite a criação de sentido múltiplo das palavras na literatura. "A linguagem literária é eminentemente conotativa" (p. 40), define Proença Filho (1997).

"Não existe uma 'gramática normativa' para o texto literário. Seu único espaço de criação é o da *liberdade*" (PROENÇA FILHO, 1997, p. 41). A *Liberdade na criação* é peculiar ao universo do discurso literário, pois, conforme o autor é a característica que permite ao artista, deixar fluir toda sua criatividade, sem regras ou normas que estabeleçam padrões no momento de escrever. "Mesmo nos momentos em que a obediência a determinados princípios pareceu regular os procedimentos literários, a literatura, por sua própria natureza, levou à abertura de caminhos renovadores" (PROENÇA FILHO, 1997, p. 41).

Por fim, escolhemos como última característica para explicar o discurso literário, a *Variabilidade*, que, de acordo, com Proença Filho (1997, p. 44) está relacionada com a história da literatura e o ambiente sócio-cultural no qual está inserida. O autor faz a reflexão de que à medida que os costumes e as culturas se modificam, a linguagem literária também sofre mutação, pois "as línguas acompanham as mudanças culturais; mudam-se os tempos, mudam-se as vontade, mudam as pessoas, os povos, a linguagem" (PROENÇA FILHO, 1997, p. 44).

O QUE É JORNALISMO LITERÁRIO?

Zuenir Ventura certa vez disse que "Jornalismo e literatura são irmãos gêmeos que nasceram muito diferentes e que hoje são mais parecidos do que nunca". As relações entre os dois gêneros são complicadas. Há autores que as defendem, assim como há autores que as desacreditam. CASTRO (2002) acredita que o jornalista e o escritor trabalham com movimento inverso. Enquanto o primeiro "extrai do mundo a matéria-prima necessária para retransformá-la em narração" (p. 73), o segundo "pode buscar na sua própria subjetividade toda a sua literatura" (p. 73).

Por outro lado, RIVAS (1998) sustenta que o jornalismo e a literatura podem formar um par, se ligados por uma relação de complementaridade.

> Quando têm valor o jornalismo e a literatura servem para o descobrimento da outra verdade, do lado oculto, a partir da investigação e acompanhamento de um acontecimento. Para o escritor jornalista ou o jornalista escritor a imaginação e a vontade de estilo são as asas que dão vôo a esse valor. Seja uma manchete que é um poema, uma reportagem que é um conto, ou uma coluna que é um fulgurante ensaio filosófico. Esse é o futuro (RIVAS *apud* MEDEL *apud* CASTRO; GALENO, 2002, pg. 19).

O jornalismo literário é uma modalidade que aparece na mídia no século XIX, em solo europeu. Conforme SQUARISI e SALVADOR (2005), nos anos 60, jornalistas como Tom Wolfe, Truman Capote, Gay Talese e Norman Mailler contestaram o modelo da pirâmide invertida e abandonaram a estrutura clássica de texto factual, acrescentando elementos literários.

Um dos textos mais conhecidos desse período é *A Sangue Frio*, de Truman Capote, que relata o assassinato de uma família de fazendeiros do Kansas, ocorrido em 1959. Capote investigou a história para um artigo da revista *The New Yorker*, mas o trabalho transformou-se em romance, foi publicado em capítulos, depois virou livro e por fim, tornou-se filme.

No Brasil, as primeiras experiências de jornalismo literário baseiam-se na prática exercida pelos jornalistas da revista *Realidade* e do *Jornal da Tarde*. Estes apostaram em um jornalismo que vai além das aparências e mergulha fundo nos fatos, gerando obras criativas que exploram o lado autoral de cada jornalista e, ao mesmo tempo, exigem destes profissionais o apuro na apresentação de dados minuciosos e a procura do ser humano por trás dos fatos objetivos.

O panorama do jornalismo literário hoje parece um tanto desanimador para Piza (2002). O autor acredita que jornalismo e literatura parecem distantes, pois, apesar de pertencerem a um ramo profissional semelhante, têm poucas características em comum. "Apesar de elementos comuns, mantêm técnicas diferenciadas" (p. 16), aponta também MEDEL (2002).

Como se percebe, a prática do jornalismo literário já teve mais força. "Até os anos 60, o jornalismo era retórico, verborrágico, personalista" (PIZA *apud* CASTRO; GALENO, 2002, p. 134). Já os anos 90 "consolidava uma triste realidade: textos relatoriais, burocráticos, com pobreza de palavras e recursos" (PIZA *apud* CASTRO; GALENO, 2002, p. 135).

A mesma sensação de que o jornalismo e a literatura romperam sua ligação a partir dos anos 90 é compartilhada por Silva (2002): "Houve uma fase em que a ruptura com o modelo literário se impunha e significou uma libertação para o texto jornalístico. Hoje, o fosso existente determina, cada vez mais, um desconhecimento, pelo jornalista, da textura literária das palavras" (p. 51).

Piza (2002) considera que a convergência entre jornalismo e literatura não precisa ocorrer, necessariamente, dentro de um texto jornalístico. O autor lembra que o jornalismo é mais do que o formato *hard news* e que o jornalista tem direito a escrever com mais liberdade de estilo em perfis, resenhas, colunas, reportagens ou ensaios. "Se a literatura deve perder o medo da realidade, de interpretar a sociedade brasileira em sua complexidade e drama, o jornalismo deve perder a submissão ao que considera ser realidade, a submissão às versões oficiais e ideológicas sobre os fatos, para conseguir ir além deles" (PIZA *apud* CASTRO; GALENO, 2002 p. 137).

O JORNALISMO DE REVISTA

Revistas são publicações singulares, assim como o jornalismo de revista também é peculiar. Como considera a jornalista Marília Scalzo, uma revista é muito mais do que um veículo de comunicação ou um produto, pois "em primeiro lugar, revistas são objetos queridos, fáceis de carregar e de colecionar" (SCALZO, 2004, p. 12). Além disso, a qualidade da leitura de revista é melhor, devido ao seu formato e melhor impressão de texto e imagem.

A já referida singularidade da revista está no fato de que ela pode ser dirigida a um público conhecido. Ao contrário do jornal, que é produzido para um público heterogêneo e desconhecido, a revista "tem foco no leitor – conhece seu rosto, fala com ele diretamente. Trata-o por 'você'' (SCALZO, 2004, p. 15).

Os tipos de segmentação mais comuns das revistas podem ser por gênero (masculino e feminino), por idade (infantil, adulta, adolescente), geográfica (cidade ou região) ou por tema (cinema, esportes, ciência, etc.). "É possível estender e afunilar a lista até chegarmos a grupos muito pequenos – e se quisermos ir ao extremo, até chegar a cada indivíduo em particular" (SCALZO, 2004, p. 49).

Um critério que também transforma as revistas em veículo diferenciado dos demais é a credibilidade da informação. Diferente da rapidez das notícias transmitidas pelo rádio, TV ou jornal, a periodicidade das revistas pode variar entre semanal, quinzenal e mensal. Isso permite que elas cumpram "funções culturais mais complexas que a simples transmissão de notícias. Entretêm, trazem análise, reflexão, concentração e experiência de leitura" (SCALZO, 2004, p. 13).

> Enquanto os jornais nascem com a marca explícita da política, do engajamento claramente definido, as revistas vieram para ajudar na complementação da educação, no aprofundamento de assuntos, na segmentação, no serviço utilitário que podem oferecer a seus leitores. Revista une e funde entretenimento, educação, serviço e interpretação dos acontecimentos (SCALZO, 2004, p. 14).

A revista é o espaço que o jornalista tem de fugir do lugar comum e das notícias triviais. O grande desafio do profissional que trabalha em revista é justamente encontrar percepções diferentes de fatos que já ocorreram. Scalzo explica que "É sempre necessário explorar novos ângulos, buscar notícias exclusivas, ajustar o foco para aquilo que se deseja saber, e entender o leitor de cada publicação" (SCALZO, 2004, p. 41).

Para a autora do livro *Jornalismo de Revista*, algumas características são essenciais para o que ela considera como bom jornalismo de revista, tais como, plano editorial consistente, design adequado ao público-alvo, capa que seduza o leitor, chamada sugestiva e, principalmente, um texto diferenciado: "Além de conter informações de qualidade, exclusivas e bem apuradas, o texto de revista precisa de um tempero a mais. Diferente do leitor de jornal, o de revistas espera, além de receber a informação, recebê-la de forma prazerosa" (SCALZO, 2004, p. 76).

Outra definição discutida por Scalzo no livro, refere-se à qualidade da revista enquanto questão mercadológica. A autora destaca que como veículo de comunicação, as revistas tem o papel de incentivar a propaganda. Às vezes não apenas por negócio, mas por tendências que os leitores gostam de acompanhar.

> Revistas, na verdade, podem ser chamadas de "supermercados culturais". Elas refletem a cultura dos lugares, o estilo de vida, e, numa sociedade consumista como a em que vivemos, não é de se estranhar, que, apesar da crise econômica, as revistas que incentivam a febre pelas compras estejam em alta e representem uma tendência significativa do mercado editorial (SCALZO, 2004, p. 44-45).

Scalzo expõe ainda que é preciso compreender a essência do jornalismo de revista como veículo de entretenimento, à exemplo do espaço reservado para palavras cruzadas, histórias em quadrinhos ou até fotos de mulheres nuas em revistas masculinas. "É preciso ficar claro que há funções que as revistas desempenham que não têm nada a ver – e nunca tiveram – com o jornalismo propriamente dito. São, sim, puro entretenimento" (SCALZO, 2004, p. 52). O jornalismo de revista seria, então, uma publicação que transita entre a TV que entrete e o jornal impresso que informa? Segundo Scalzo, "para as revistas, fica o meio termo: não falar com todo mundo (como fazem a televisão ou os jornais) e não individualizar seu leitor (como a Internet) (SCALZO, 2004, p. 49)".

AS EDIÇÕES DA REVISTA *REALIDADE*

A partir da observação do objeto empírico da pesquisa, que parte de quatro edições da revista *Realidade*, pretende-se utilizar o método de análise de conteúdo para reconhecer as características literárias utilizadas em textos/ reportagens da publicação, que devem ainda ser escolhidos (as), conforme critérios que serão estabelecidos, conforme as leituras detalhadas das edições.

A escolha das quatro edições da revista Realidade (abril, julho e dezembro de 68 e janeiro de 69), que determinam o *corpus* desta pesquisa, estão relacionadas a três acontecimentos do ano de 1968 que hoje são reconhecidos como fatos históricos. São eles: a morte do estudante Edson Luís, no dia 28 de março de 1968; a Passeata dos Cem

Mil, no dia 26 de junho de 1968; e a instituição do Ato Institucional número 5, ocorrida no dia 13 de dezembro de 1968.

Observa-se que os meses escolhidos das edições das revistas são posteriores aos meses dos fatos ocorridos em 1968. Isso se deve, porque deduzimos pela lógica, que a repercussão do que acontece em um mês, dá-se na revista apenas no próximo mês, por exemplo, a morte de Edson Luís em março de 68 não poderia repercutir na revista neste mesmo mês, mas poderia ter a possibilidade de repercussão em abril de 68.

A única exceção é a edição de dezembro de 1968, que entrou como objeto no *corpus* por ser a publicação do último mês de 68, que geralmente traz uma retrospectiva dos principais acontecimentos do ano.

Por meio das revistas escolhidas, esperamos com esta pesquisa, encontrar respostas sobre os questionamentos a cerca da linha tênue que separa o jornalismo e a literatura na revista *Realidade*. Para tanto, nossos próximos passos serão guiados por um cronograma que segue as seguintes atividades: Análise das revistas escolhidas, para fazer a escolha de quais textos/ reportagens que serão estudados; Realização do cruzamento das informações, baseado nos textos/ reportagens escolhidas, dialogando com os autores que discorrem sobre a Análise de Conteúdo; Elaboração das Considerações Finais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil (1964 – 1984)**. Bauru, SP: Edusc, 2005.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura:** a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa** – Um curso sobre sua estrutura. São Paulo: Ática, 2004.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Edusp, 2003.

LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. 5ª Ed. São Paulo: Ática, 2005.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 8ª Ed. São Paulo: Ática, 2006.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, SP: Manole, 2004.

POERNER, Artur José. **O poder jovem**: história da participação política dos estudantes brasileiros. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1979.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. São Paulo, SP: Ática, 1997.

SCALZO, Marília. Jornalismo de revista. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SQUARISI, Dad; SALVADOR, Arlete. **A arte de escrever bem** – Um guia para jornalistas e profissionais do texto. 4º Ed. São Paulo: Contexto, 2005.

VENTURA, Zuenir. **Minhas histórias dos outros**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.

VENTURA, Zuenir. 1968**: o ano que não terminou**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

Acervo em Vídeo

BRAGA, G.; CARVALHO, D. Anos Rebeldes. [Minissérie-DVD]. Produção de Gilberto Braga, direção de Dennis Carvalho. Rio de Janeiro, Rede Globo de Televisão, 2003. 3 DVDs de camada dupla – DVD 9, 680 min. Colorido, Dolby Digital Estéreo.